

# Histórias de pescador: as culturas populares nas redes das narrativas

Ana Claudia Mafra da Fonseca  
Doutora em Letras (UEPB)  
Professora do CEFET-RN  
[anamafra@cefetrn.br](mailto:anamafra@cefetrn.br)

## RESUMO

O presente trabalho se propõe a apresentar e discutir, de forma sucinta, os resultados da tese de doutoramento intitulada *Histórias de pescador: as culturas populares nas redes das narrativas*, defendida em 2005 pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB. A mesma resulta de uma pesquisa etnográfica realizada no município de Nísia Floresta, litoral sul do Estado do Rio Grande do Norte, com pescadores e moradores de comunidades existentes no entorno da lagoa de Papary, local onde, nos dias de hoje, a pesca artesanal do camarão, trabalho de muitos pescadores, tem perdido espaço para a indústria da carcinicultura. Situada em uma linha de estudos voltados para a análise das culturas populares tendo em vista seus elementos e sua contextualização social, a pesquisa priorizou a coleta e análise das narrativas populares, atentando para as relações entre os elementos culturais presentes nas narrativas com os modos de vida de seus portadores. Sabendo-se que pelo menos dois fatores importantes surgiam como divisores de águas – o turismo e a carcinicultura –, a pesquisa propôs dar conta dessas influências como elementos modificadores das condições de vida destas comunidades, na medida em que as narrativas refletem as estratégias de produção e reprodução social em um contexto de transformações sociais.

Palavras-chave: memória e produção cultural / pesca artesanal / narrativas populares

## Introdução

As narrativas dos pescadores artesanais podem ir muito além dos mitos que povoam as águas de mares, rios e lagoas. Inevitavelmente, qualquer trabalho que venha a ter como tema o universo dos seres humanos que vivem da pesca se alimenta de expectativas literárias, dada a proximidade com o caráter mítico e fantástico que o ambiente, até mesmo por tradição literária, suscita em expectadores distantes. No campo da oralidade, mais fecundo ainda se imagina ser o mundo das águas, principalmente para aqueles que, de fato, encontram-se ligados a ele. Afinal, quem nunca ouviu falar das histórias dos pescadores? Quantos causos, quantas histórias teriam esses personagens (reais, mas não menos lendários) para contar? O que temem, o que enfrentam, em que águas navegam e mergulham para transformar em palavras suas realidades? Diante destas questões, em princípio elementares, surgiu a idéia de elaborar uma proposta de investigação pautada na busca pelas narrativas populares de comunidades ligadas à pesca artesanal. O presente artigo se propõe a apresentar, de forma sucinta, os resultados da tese de doutoramento intitulada *Histórias de pescador:*

*as culturas populares nas redes das narrativas*, defendida em 2005 pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB. A mesma resulta de uma pesquisa etnográfica realizada no município de Nísia Floresta, litoral sul do Estado do Rio Grande do Norte, com pescadores e moradores de comunidades existentes no entorno da lagoa de Papary, local onde, nos dias de hoje, a pesca artesanal do camarão, trabalho de muitos pescadores, tem perdido espaço para a carcinicultura.

## A descrição da pesquisa

A delimitação do campo se deu, sobretudo, pela suposição de ser aquele ambiente um *locus*<sup>1</sup> de representações mentais das comunidades, tendo em vista a importância real e simbólica em suas vidas. A existência de lendas em torno das lagoas da região, já anunciadas pelos moradores desde minhas primeiras visitas, reforçava tais expectativas.

As comunidades que passei então a designar por “tradicionais”, adotando o termo usado por Diegues e Arruda (2001, p.32), eram formadas por pescadores, artesãos e pequenos agricultores, enfim, pessoas cujas atividades de trabalho não apenas se encontravam atreladas ao manejo do ambiente, mas, sobretudo, eram mediadas por relações históricas, sociais e, conseqüentemente, culturais. Em torno da lagoa de Papary é possível encontrar comunidades que praticam a pesca artesanal e a pequena agricultura como principais atividades de subsistência.

O contato com a realidade das condições de trabalho dos pescadores colocou-me, no entanto, diante de camadas sociais que, em face das práticas tradicionais sobre as quais são edificadas, sofrem as transformações advindas de mudanças nos modos de produção e de novas relações sociais que se estabelecem em decorrência dessas mudanças. Inevitavelmente, é possível perceber que as condições adversas de sobrevivência em um espaço cada vez mais abalado pelas transformações sociais são fatores imediatos de desconstrução da aura mítica e romantizada da natureza “selvagem” e “intocada” das águas. Na prática, constatei logo o quanto seria difícil a busca pelo discurso literário quando, ao perguntar pelas histórias da lagoa, as narrativas que esperava serem míticas e fantásticas eram encobertas por um discurso sintomaticamente fragmentado, truncado, mas revelador da situação vivida pelas

---

<sup>1</sup>. Segundo Diegues e Arruda (2001, p. 25), além do espaço de reprodução econômica das relações sociais, o território pode ser visto também como locus das representações mentais e do imaginário mitológico das populações tradicionais.

comunidades que dependem da pesca artesanal e que hoje lutam por um espaço ora disputado pela aqüicultura industrial, ora vendido como produto pela indústria turística.

Dentro de um contexto de apropriação de bens culturais pelas entidades locais, de degradação ambiental em decorrência da exploração do território, de transformações sociais advindas das mudanças nos modos de produção, toda uma “nova” realidade passava a nortear as histórias vividas e contadas pelos membros dessas comunidades. Nas histórias contadas pelos pescadores que vivenciavam esse contexto, o presente sobressaía muitas vezes em tom de revolta e denúncia, sobrando pouco espaço para as narrativas míticas, aquelas onde o fantástico e o imaginário se misturam aos fatos e episódios da vida de seus personagens. Sobrepondo-se às narrativas e mesclando-se a elas, um discurso sobre a realidade se impunha a cada contato, a cada conversa com os moradores, fator determinante para uma mudança de foco em relação à pesquisa. Diante desses fatos, passei a privilegiar em minha busca os elementos – não apenas literários, ou ainda imaginários, mas também reais – que norteavam os discursos destes narradores, e a observar com maior atenção a relação entre esses elementos e o contexto social vivido pelas comunidades.

Privilegiando a noção de “comunidade tradicional”, aos pescadores, então, juntaram-se suas famílias, vizinhos, pessoas unidas por laços de convivência, algumas delas participantes de práticas populares como o Drama, o Babelô e o Boi-de-Reis: atores de comunidades que, mantendo-se ainda imersas na tradição através de suas práticas (econômicas, sociais e culturais), começavam a sofrer e a refletir as conseqüências irreversíveis das transformações sociais advindas das novas diretrizes econômicas.

Neste sentido, um aspecto diferenciador dos textos orais refere-se aos elementos que permitiriam entender as narrativas enquanto “sistemas literários populares específicos”, privilegiando que existe de literário nos textos orais, ou seja, elementos ligados à natureza própria das narrativas, capazes de explicá-las, dimensioná-las, particularizá-las enquanto componentes plurissignificativos das culturas populares. Esses elementos encontram-se, geralmente, presentes e disseminados nos substratos sociais, podendo se materializar por meio de práticas, manifestações, costumes e modos de vida, mas também, e de modo menos concreto (porém não menos significativo) por meio de palavras, através dos discursos.

A noção de “sistemas literários populares”, atribuída pela professora Maria Ignez Ayala (1989, p. 260-267) ao universo da literatura popular, foi o ponto de partida que, de antemão, me colocou diante de uma reveladora pluralidade. Assim

contextualizadas, as narrativas configuravam um conjunto de relatos, de denúncias, de histórias sobre o passado, trajetórias de vida e trabalho que significativamente continham em seu interior fragmentos de um arcabouço literário popular, tais como as histórias de assombração e encantamento, além de reminiscências saudosas das manifestações culturais transformadas, fragmentadas ou mesmo sufocadas por mudanças de ordem cultural, social e econômica.

Pressupondo que uma análise de narrativas populares toma como elementos internos os componentes “reais” e “imaginários” presentes nas falas dos personagens, tornou-se possível, a partir dos discursos contidos nos textos narrativos, pontuar as práticas culturais e os modos de vida das comunidades populares, assim como identificar as diferentes dimensões do texto oral e as principais forças produtivas que penetram nas camadas populares e atuam direta ou indiretamente como modificadores culturais. As narrativas, da mesma forma, permitiram compreender como estas forças provocam mudanças socioculturais nas comunidades, que tipos de mudanças e quais as suas possíveis conseqüências. Para tanto, foi necessário investigar os textos narrativos populares em sua totalidade, observando os elementos que os constituem e os articulam como expressão verbal destas camadas sociais que, historicamente, têm sido postas às margens do processo de desenvolvimento social.

Assim configurado, o corpo da tese foi dividido em seis partes. No primeiro capítulo, intitulado **estas (e outras) histórias: diálogos com as culturas populares**, foi apresentado o panorama teórico, usando como recurso a tessitura de uma rede de estudos que, tendo por temas elementos semelhantes, mas edificados em áreas distintas de conhecimento, somaram-se e contribuíram na preparação para uma leitura atenta e lúcida do contexto e, posteriormente, das narrativas populares. No segundo capítulo, **caminhos etnográficos**, procurei traçar estrategicamente o percurso da pesquisa de campo, atentando para a construção das narrativas enquanto objetos de análise. O terceiro capítulo, denominado **inventário da pesca: narrativas**, traz as transcrições integrais das entrevistas com os personagens deste estudo. Antes, porém, para melhor contextualização do leitor, apresento sob a forma de “inventários” (“inventário da palavra” e “inventário da cultura popular”) os termos usados pelos entrevistados, seguidos de seus respectivos significados. O quarto capítulo trata das análises em torno das narrativas. Sob o nome de **ensaios**, estas análises contemplam alguns temas relevantes no que se refere às articulações dos textos orais com os contextos nos quais emergem. Por fim, as **considerações finais** e a **bibliografia** encerram a parte da

pesquisa propriamente dita, e as imagens estrategicamente distribuídas ao longo do trabalho registram visualmente um pouco deste percurso de quatro anos de aproximação com as comunidades.

O tópico a seguir sintetiza o capítulo que aborda os diálogos com as áreas do conhecimento que constituíram o embasamento teórico do trabalho. Em seguida, tentarei esboçar os passos da pesquisa etnográfica propriamente dita e construir, com base nesse caminho, a identidade dos pescadores da comunidade onde trabalhei, considerando a importância do percurso etnográfico aqui delineado para a antropologia da pesca, área na qual esse trabalho se insere. Por fim, apresento, de forma sucinta, os temas que compuseram os ensaios, parte de análise das narrativas.

## Diálogos com as culturas populares

Objeto de estudo da tese, a procura por histórias de pescadores artesanais só pôde ganhar contornos nítidos quando o trajeto de uma pesquisa empírica possibilitou o contato com muitas histórias, e quando essas tantas histórias induziram a caminhos por outras pontes, ao encontro com outras falas e outros textos que, de forma complementar, possibilitaram observar de um ângulo privilegiado algumas questões pertinentes às culturas populares, em geral, e ao universo da pesquisa, em particular.

Parti do princípio de que o registro das narrativas desses atores sociais poderia ser enriquecido por uma análise do conjunto de textos a partir de referenciais internos e externos a eles. A estratégia de construção do meu campo de estudo se constituiu, então, pela articulação desse corpus oral com uma série de textos escritos, estudos acadêmicos, técnicos e literários, e, enfim, materiais de diversas naturezas, muitos deles reunidos até mesmo em função da necessidade de complementar os dados registrados durante o trabalho em campo, com a intenção de realizar uma múltipla leitura das culturas populares: a) privilegiando o relato oral; b) considerando as especificidades das fontes e suas devidas particularidades; c) tendo em vista os elementos culturais presentes em diferentes contextos.

Para referenciar teoricamente o estudo proposto, tendo em vista a diversidade de perspectivas a ele inerente, foi necessário partir em busca de outros textos, em várias áreas, tentando articular diferentes conhecimentos em campos distintos. Desta forma, tomando como referência os traços culturais das comunidades ligadas à pesca artesanal, exteriorizados, sobretudo, através de suas falas, estas analisadas à luz da **antropologia**

**cultural**, dos **estudos literários** e da **etnobioidiversidade**, tornou-se possível realizar uma leitura mais abrangente de culturas populares nordestinas, tendo em vista os elementos que as circundam.

Em muito a antropologia cultural ajudou-me a entender o universo de pesquisa que então eu me propunha analisar. Tendo como pressuposto fundamental uma abordagem referente à análise contextual das culturas populares, encontrei na antropologia uma linha de estudos voltados para a contextualização social e análise de culturas não apenas enquanto produtos, mas também enquanto processos sociais. Sob esse prisma, aliás, tem sido a antropologia cultural a área mais capacitada, inclusive metodologicamente, a dar conta dos aspectos concernentes à oralidade, a partir dos registros até as análises sobre seus objetos de estudo que, para serem devidamente compreendidos, devem estar atrelados e relacionados aos seus contextos históricos e sociais. Assim, inseriram-se nesse panorama teórico inicial, entre outros, os apontamentos gramscianos (GRAMSCI, 1968) acerca das iniciais concepções de folclore e das relações entre as culturas populares e as classes hegemônicas, levando-se em consideração suas especificidades, valores e funções na dinâmica da vida social de uma determinada comunidade.

Seguindo a linha gramsciana, encontrei autores mais contemporâneos que buscaram, cada um em seu campo de análise, incluir as culturas populares dentro de uma dinâmica social nacional. Nomes como Luigi Lombardi Satriani (1983), Alberto Mario Cirese (1997) e Néstor García Canclini (1983) estão entre os estudiosos das culturas populares que, apoiados nas teorias das relações culturais, embasaram teoricamente minhas reflexões.

No campo literário, pelo fato de lidar com um conteúdo narrativo por excelência, procurei elencar autores que me possibilitariam olhar para os textos sem perder de vista as vozes que os produzem, além dos signos verbais e não verbais que os motivam. Duas referências, nesse aspecto, merecem destaque especial: a teoria da enunciação elaborada pelo teórico da linguagem Mikhail Bakhtin (1988), e as reflexões de Walter Benjamin (1985) na tentativa de compreender a experiência e o papel do narrador dentro de um contexto histórico. É indispensável adiantar, ainda, que os textos orais que, porventura, possam servir de matéria para uma leitura interpretativa das culturas populares em muitos pontos refletem as considerações de desses dois autores, no tocante à especificidade literária das narrativas e à estreita relação entre determinadas formas de discursos e o contexto que lhes permite existirem ou não enquanto tais.

Por fim, a partir de estudos desenvolvidos pelo antropólogo Antônio Carlos Diegues (2001), professor da USP e coordenador, nessa instituição, do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras (Nupaub), foi possível ter acesso a uma extensa bibliografia em torno de questões referentes às comunidades ligadas à pesca e aos impactos ambientais e sociais que as atingem na atualidade, caso específico da pesquisa realizada, assim como outros estudos que abordam as culturas populares e suas relações com as questões que envolvem o meio ambiente. É de Diegues um trabalho que, de forma didática, aborda o processo histórico das ciências em torno das questões ambientais e apresenta uma discussão teórica no sentido da definição de conceitos e elaboração de um plano de estudos sobre as populações tradicionais brasileiras, e particularmente aquelas cujas bases sociais e econômicas estão relacionadas às águas.

Observando, via narrativas, as relações entre as produções simbólicas comunitárias e elementos direta ou indiretamente condicionantes de sua existência, como meio ambiente, cultura, turismo, indústria, política, em diferentes proporções e com distintos objetivos – influenciando, motivando ou mesmo induzindo práticas, culturas e modos de vida –, foi possível propor uma mudança em termos de um deslocamento do olhar referente ao objeto de investigação – as culturas populares – passando não apenas a contemplar os bens culturais, como também a entendê-los enquanto elementos de uma ampla e dinâmica teia de articulações.

Nesse contexto, as narrativas populares de membros das comunidades tradicionais, enquanto signos e discursos ideologizados, são sintomaticamente reveladoras porque, entre outros aspectos, refletem a busca por soluções de reorganização cultural, impulsionadas por um processo dialético de transformações. Afinal, esses narradores são homens cujas falas, assim como os silêncios, sinalizam as mudanças sociais.

Para finalizar, é significativo destacar a importância de estar lidando com realidades em plena transformação, cujas tentativas de descrevê-las, mesmo através de múltiplos enfoques, utilizando contribuições de conhecimentos em várias áreas, como a antropologia cultural, os estudos de etnobioidiversidade, as leituras sociolinguísticas, não pretenderam em nenhum momento encobrir as principais características das culturas populares: sua diversidade e sua mobilidade no interior das sociedades.

## Os caminhos etnográficos

Tendo como eixo central do meu trabalho uma pesquisa de cunho etnográfico, dediquei um capítulo à descrição da pesquisa de campo, na tentativa de reorganizar, metodologicamente, o universo estudado a partir dos referenciais antropológicos de que dispunha, contemplando seus aspectos físicos (ambientais), humanos (sociais, culturais) e econômicos (referentes aos modos de produção e às forças interagentes neste processo).

O percurso da pesquisa trouxe à tona importantes reflexões acerca do trabalho etnográfico. Afirmo em primeira instância que a tese resultante desse trabalho foi um processo de simultâneas e sucessivas construções que podem, ademais, ser observadas em todos os níveis da pesquisa. Sendo assim, não seria possível descrever a pesquisa de campo sem explicitar a construção do meu “objeto de estudo” – neste caso, as narrativas – e, mais do que isso, sem fazer referência à construção do meu olhar sobre elas.

“Processo” e “construção” seriam os nomes mais adequados para definir esse trabalho. Ao passo que os caminhos etnográficos conduziram a pesquisa empírica, esta possibilitou, no decorrer das atividades em campo, a construção das fontes orais (as narrativas) e das fontes escritas (constituídas pelo conjunto de textos adicionalmente coletados durante o percurso). Essas fontes, por sua vez, redirecionaram meus objetivos e possibilitaram a construção do olhar crítico. Em suma, a pesquisa de campo constituiu todo um processo que necessitou ser pensado e aprimorado continuamente, no decorrer de mais de dois anos de idas ao município e contatos com as comunidades.

Obedecendo a uma espécie de busca pelas narrativas populares, esse trabalho foi se aprimorando na medida em que eu ia reconhecendo o universo de pesquisa. As visitas realizadas desde o início de 2001 ao final de 2002, de modo informal, embora sistemático, tiveram como objetivo o reconhecimento do local e os primeiros contatos com as comunidades, a fim de proporcionar uma aproximação mútua e, desta forma, possibilitar maior êxito na coleta das narrativas. A partir dessa data até meados de 2003, passei a uma maior sistematização, registrando, em áudio, as minhas conversas com os pescadores e outros membros de três comunidades ao redor da lagoa.

Um aspecto diferencial em relação às entrevistas é que a partir da primeira pessoa contatada, os seguintes registros seguiram a ordem sucessiva estabelecida por cada contato, uma vez que eram os próprios entrevistados que me indicavam com quem eu deveria conversar para obter as histórias da lagoa, as informações sobre a pesca, os relatos das manifestações culturais. Foi assim que, iniciando um processo de aproximação com a comunidade, pude conhecer uma senhora de oitenta anos que era

reconhecida na comunidade por participar assiduamente dos festejos e brincadeiras locais, como a lapinha e os dramas. Por seu intermédio, conheci as vizinhas e companheiras de lida mais próximas, uma das quais participou da primeira entrevista registrada. Na casa dessa segunda senhora também conheci uma viúva de pescador, que participou do segundo registro, juntamente com um pescador, conhecido seu, que saía da lagoa no momento em que conversávamos. Esse pescador, por sua vez, me apresentou seu irmão, que também era pescador e, como soube depois, eram respectivamente mestre e contramestre do boi de reis. Com os dois realizei a terceira entrevista e foram eles, também, que me indicaram as próximas pessoas com quem deveria conversar – o antigo mestre do boi, alguns brincantes de lapinha e bambelô, além de outros pescadores – resultando, ao todo, em sete transcrições de entrevistas com quatorze participantes. Desta forma quero demonstrar que, quanto ao modo de construção, as narrativas populares constituíram também um conjunto, ou melhor, uma rede de diálogos entre diversos atores sociais que, entre si, reiteravam e contribuíram com informações a respeito das práticas culturais e da situação vivida pelas comunidades.

Levando-se em conta, obviamente, que as conversas eram motivadas pela presença e “curiosidade” de uma pessoa estranha e ávida por conhecer as histórias da lagoa e do seu povo, uma primeira leitura das transcrições logo deixa claro que, mais do que entrevistas abertas e sistemáticas, as conversas registradas em áudio são ricas em vários componentes de interatividade entre todos os seus interlocutores. Diálogos em dois níveis: entre os atores em uma mesma entrevista e entre atores em entrevistas distintas, dias distintos, em diferentes momentos da pesquisa, quer pelos temas tratados, quer pelas relações sociais de convívio entre eles. Essa característica estabeleceu-se casualmente no decorrer de toda a pesquisa, até porque em nenhum momento excluí, tampouco incentivei a participação de mais de um interlocutor, de forma que todos os presentes nos momentos da coleta do material ficavam livres para participar, ou não, dos diálogos.

As coletas, por outro lado, aconteceram em horários e espaços bem casuais, às vezes até inusitados, como no meio da rua, às margens da lagoa, na praça da cidade, no quintal, cozinha ou na sala das casas visitadas. Os interlocutores, além dos contatos previamente “selecionados” entre pescadores e membros da comunidade reconhecidos por participarem de manifestações populares, eram pessoas que circulavam nos lugares em que aconteciam as coletas: filhos, netos, vizinhos, companheiros de trabalho.

Esse foi, enfim, um dos aspectos mais significativos da pesquisa: o diálogo entre todas as vozes que participaram das conversas. Os interlocutores dialogavam muitas

vezes comigo ou com o “outro”, presente ou ausente, mas às vezes também consigo, o que favorecia, entre outras coisas, o processo de lembrar e relembrar, contar e recontar, refletir, reiterar, corrigir, ouvir e contribuir para a narrativa do outro. Sem minimizar a importância da investigação neste processo, que, aliás, só se deu graças à minha presença enquanto “estranha cultural”, entendi que a construção das entrevistas em forma de “diálogos” só veio ainda mais a reforçar a noção de “comunidade”, já fortemente subtendida pelo próprio processo de construção dos textos orais através de uma sucessão, em rede, de vozes cujos laços se estabelecem através do convívio, quer pelo trabalho, quer pela proximidade, além de geográfica, social.

As fontes orais foram, por primazia, os objetos privilegiados do meu trabalho. As fontes orais nele presentes, as narrativas, foram coletadas durante a pesquisa de campo e constituíram depoimentos autorizados sobre a lagoa, sobre a pesca, relatos, histórias de vida e trabalho, além de causos, histórias e acontecimentos relatados pelas pessoas entrevistadas, muitos deles vividos ou presenciados pelas mesmas. É preciso deixar claro ainda, em relação às transcrições, algumas considerações relevantes acerca da natureza dos textos transcritos: a) acompanham os mesmos, além das informações sobre os interlocutores, algumas referências complementares sobre o momento da pesquisa, com a principal finalidade de contextualizar o trabalho em campo; b) os textos escritos que compuseram o *corpus* de análise das narrativas são as versões integrais das gravações em áudio, com o registro, sempre que possível, de todos os componentes que, porventura, interferiram no processo de lembrar e contar, na continuidade das narrativas, nos diálogos ou mesmo no cessar das idéias.

Sem cortes, sem edições, respeitando as formas verbais (orais) de todos os interlocutores participantes, as transcrições constituem o momento mais rico do trabalho. Elas aglutinam, não apenas pelo conteúdo – fonte de toda a discussão teórica acerca das culturas populares –, mas pela forma e pelo processo de construção, o eixo da pesquisa.

## A identidade dos pescadores

Com a utilização de todas as fontes de consulta, entre textos teóricos e técnicos, além da observação e do contato com os pescadores, foi possível traçar um panorama de contextualização do meu universo de pesquisa. O município escolhido para o estudo, Nísia Floresta, fica localizado ao sul da capital norte-rio-grandense, distante desta 42 quilômetros.

Seu território abrange uma faixa considerável do litoral sul do Estado, incluindo nove praias e uma porção de mata atlântica que abriga diversos ecossistemas, como dunas, mangues, matas ciliares, riachos, córregos e vinte e nove lagoas. Dentre elas está a lagoa de Papary, cuja importância para a subsistência das comunidades em seu entorno remonta às origens do povoado, que até meados do século XX também era chamado de Papary.

Nas comunidades às margens dessa lagoa difícil é saber quem não pesca, sobretudo porque a grande maioria dos moradores – homens e mulheres – se identifica como pescador. Aliás, as designações “viver da pesca” e “trabalhar na pesca”, tão bem conceituadas por Luiz Fernando Dias Duarte (1999, p. 31-84) em capítulo específico que trata da construção da identidade de pescadores do litoral fluminense, devem, aqui, ser recontextualizadas diante de um fator que vai diferenciar substancialmente os dois trabalhos em questão: o espaço da pesca. Mesmo aqueles que não exercem a pesca como atividade principal de trabalho se afirmam pescadores, como se a pesca fosse um “ser”, independente de se “estar” ou não exercendo a atividade. A princípio, a própria origem das comunidades, às margens da lagoa, historicamente atrelou a vida ao trabalho na pesca e, ainda hoje, é ela a única alternativa em momentos críticos, seja diante do desemprego ou da necessidade imediata de sobrevivência. E quando a necessidade de sobrevivência é suprida com atividades em outros setores, como a agricultura, o comércio e até mesmo a carcinicultura, pesca-se mesmo por lazer, nos dias livres do trabalho. Existe, portanto, uma memória social que faz com que os moradores das comunidades se identifiquem e sejam identificados como pescadores, mesmo que trabalhem em outras atividades. É o que, de fato, ocorre com alguns dos entrevistados: homens e mulheres que se declararam pescadores, embora trabalhassem como jardineiros ou fossem donas de casa. A identificação como pescador vem, em princípio, de um aprendizado em família e em comunidade: a transmissão do trabalho aos mais jovens, mesmo que estes, no futuro – e esse é o maior desejo dos pescadores de hoje – não precisem viver da pesca.

Andando pelas comunidades e conversando sobre a pesca com homens, mulheres, velhos e até crianças, pude perceber, em primeiro lugar, que “pescar” é um aprendizado que se inicia antes mesmo da interferência direta dos mais velhos: aprende-se pela observação. Ao contrário do mar, em cujo trabalho os pescadores precisam se afastar muito da costa – e nisto há a ausência, o ritual da preparação (e aprendizado) para a atividade, além, evidentemente, de todos os medos, perigos e imprevistos decorrentes da natureza do espaço e da profissão – o trabalho nas lagoas está perto dos olhos das crianças, e o espaço das águas, territorialmente limitado e sem o peso do

perigo e dos imprevistos, é muitas vezes um dos primeiros espaços de convivência comunitária, já que as crianças podem acompanhar os pais nas atividades de pesca. Essas afirmações baseiam-se tanto nos depoimentos dos pescadores quanto na observação direta quando, em descidas à lagoa, à espera dos pescadores, pude ver e conversar com meninos e meninas que brincavam com instrumentos de pesca. Ou seja, as águas fazem parte da vida também das crianças e, através da observação, elas aprendem. Suas brincadeiras nas águas são, muitas vezes, como cheguei a presenciar, uma imitação do trabalho realizado pelos mais velhos.

Os pescadores que não trabalham com a pesca, portanto, não deixam de “ser” pescadores. É como se a pesca se confundisse com a vida, faz ela parte do aprendizado da vida daqueles que nascem e crescem às margens das águas da lagoa.

As comemorações religiosas são as mais perceptíveis representações simbólicas desta ligação entre o homem, o trabalho e o espaço. São elas a semana santa, as festas juninas, que coincidem com o interstício de inverno, e a festa da padroeira no mês de dezembro, coincidindo com o ciclo natalino. Esta última comemoração é, de todas, sem dúvida a mais significativa: antigamente, contam os pescadores, em homenagem à santa padroeira, se fazia uma grande pescaria e, após ela, as redes eram suspensas e a pesca proibida durante três meses, de setembro a dezembro. Depois desse período de suspensão, com uma grande festa popular as comunidades encerravam as homenagens e os pescadores retomavam, então, suas atividades. A tradição cultural, hoje parcialmente desaparecida – parcialmente porque, embora não mais ocorra, está fortemente presente na memória dos pescadores que vivenciaram esses momentos e que os ilustram, em suas narrativas, com as histórias sobre o aparecimento da santa na lagoa e a construção da igreja matriz, no século XVII – demonstra mais uma vez que a forte identidade desses trabalhadores vem de uma sucessão histórica que remonta às origens da cidade.

Quanto à estrutura da pesca, pude observar que não existe uma diferenciação social acentuada entre quem pesca com barcos, com covos ou com redes. A única diferença é em relação à posse dos instrumentos, já que quem possui barcos e redes tem mais recursos e, assim, maiores possibilidades de renda, inclusive porque pode locar seus instrumentos para os que não os possuem. Os covos, geralmente, são confeccionados pelos próprios pescadores que um dia também aprenderam com seus pais, quando crianças. E quanto às redes, apesar de ser uma prática cada vez menos comum, existem ainda hoje mulheres na comunidade que exercem a função de tecer e

remendar as redes de pesca, embora a confecção desses instrumentos seja um trabalho indiferenciado para homens e mulheres.

Com relação à organização de trabalho, a colônia de pesca local é um órgão externo, pertencente ao Estado e introduzido na comunidade com finalidades explícitas não apenas de organizar, mas de realizar um controle da pesca. Estranho, porém revelador, é o fato de que esse controle é feito exatamente entre os trabalhadores artesanais e autônomos, não havendo um controle, por parte da colônia, nas fazendas de carcinicultura. Mesmo os pescadores que possuem apenas um pequeno viveiro, geralmente construído perto de suas casas, passam por esse controle, além, claro, dos controles exercidos pelo IBAMA e IDEMA, feitos através do cadastramento dos pescadores e o pagamento de taxas anuais. As taxas garantem aos pescadores assistência médica (em posto de saúde do município) e aposentadoria por tempo de serviço. Recebem aposentadorias diferenciadas os pescadores (de peixe e camarão) e os catadores de caranguejo. Estes recebem uma aposentadoria menor e, aliás, as poucas mulheres cadastradas se enquadram nesta função.

Outra diferença entre a o mar e a lagoa é marcada pela presença da mulher na pesca. No mar, é notório ser rara, para não dizer inexistente, a existência de mulheres que exercem trabalhos relacionados à pesca, a não ser, evidentemente, aquelas cujas atividades se restringem às águas rasas, mariscando ou puxando redes de arrasto. O trabalho de Simone Maldonado (1986) enfoca bem essa realidade, que na interpretação dos pescadores está ligada a concepções e crenças fortemente arraigadas a uma tradição cultural própria do universo do pescador. Existe um certo senso comum, sobretudo no universo da pesca marítima, que afirma que a presença feminina nos barcos faz o mar revoltar e a pesca minguar<sup>2</sup>. Mas nas lagoas, ao contrário, muitas mulheres pescam, sozinhas ou ao lado dos maridos, manuseando covos, tarrafas e até canoas, às vezes carregando seus filhos junto por não terem com quem deixá-los. Assim me relataram algumas das mulheres que participaram das entrevistas. Neste sentido, não há o mesmo misticismo que existe em relação ao mar, no tocante à presença e cooperação feminina na pesca feita nas lagoas.

Na vida cotidiana, as relações sociais parecem corroborar a imaginação poética (BACHELARD, 2002). A lagoa ser entendida como “a mãe do pescador” não deixa de

---

<sup>2</sup>. Assim me contou um pescador da praia de Tambaú, em João Pessoa, ano de 1999, quando na época eu realizava ali uma tomada de imagens para a produção de um vídeo documentário sobre os pescadores daquele local, lançado pela UFPB no ano de 2000.

ser uma alusão àquela que protege, que alimenta e que disciplina, e é exatamente esta a relação entre o espaço e o ser que dele se nutre. Uma relação umbilical, quase simbiótica. “Viver da pesca” e “trabalhar na pesca” têm, obviamente, significados distintos. “Trabalham” na pesca aqueles que exercem a atividade de forma continuada, sendo ela a principal, quando não a única, fonte de sustento das famílias. “Vivem da pesca” todos aqueles que dependem direta ou indiretamente da lagoa enquanto espaço de trabalho, mas também de vida, e neste sentido “todos” – homens, mulheres, velhos e crianças, pescadores ou não – são “filhos” deste lugar.

## Ensaio

O quarto capítulo da tese trata-se de análises em torno das narrativas. Sob o nome de **ensaios**, as análises a seguir contemplam temas relevantes no que se refere às articulações dos textos orais com os contextos nos quais emergem.

**Memórias da paisagem desolada** é um tópico de análise do caráter denunciante das narrativas sobre a lagoa. Nele tento demonstrar, através de fragmentos presentes em todas as transcrições, a existência de discursos contraditórios que revelam a situação crítica vivida pelas comunidades diante de uma dinâmica social que, transformando pescadores, artesãos e agricultores em trabalhadores assalariados, transforma de modo irreversível suas relações com meio ambiente, cultura, modos de produção e economia local.

Tomando como base os apontamentos de Walter Benjamin sobre o narrador, minhas observações, no ensaio da tese, objetivaram também contribuir para uma releitura, uma atualização dos seus escritos, tendo em vista um fato e uma suposição: o fato de ser possível, hoje, encontrar personagens populares que assumem o papel de narradores em determinados momentos de seus discursos; e a suposição de que, assim como o narrador, as narrativas modificam-se com o processo histórico, com as mudanças sociais, refletindo as conseqüências dessas mudanças mais imediatas sem, no entanto, perderem as características que as definem como narrativas. Descrever a trajetória de uma busca por histórias de vida e trabalho em comunidades de pescadores artesanais foi, portanto, uma experiência que me colocou de frente com os narradores que Walter Benjamin julgava em vias de desaparecimento.

Nesse ensaio, minhas atenções se voltam para a relação das comunidades com o espaço, tendo em vista a mudança de um sistema de práticas tradicionais para um

sistema nos moldes capitalistas – mudança que atinge diferencialmente todas as classes, mas que instaura a luta pelo poder e conseqüente domínio das classes populares pelas classes economicamente privilegiadas.

As narrativas dos pescadores são discursos sobre o presente, sobre uma paisagem desolada em contraste com um estado ideal perdido no passado. As falas que se referem a esse espaço, mesmo quando remetem o ouvinte a um passado remoto e atemporal, refletem e denunciam uma dinâmica social na qual algumas de suas mudanças são perceptíveis a olho nu, e outras, no entanto, se encontram aparentemente ocultas ou encobertas pelo processo de desenvolvimento econômico e social que atinge a todos, ainda que diferencialmente, e sobre o qual pesa ideologicamente as noções de progresso e evolução. Este, no entanto, é apenas o início de uma sucessão de contrastes que, ao longo das falas, revelam e explicam o estado “presente” da situação vivida pelos pescadores. Um presente que se traduz em importantes alterações ambientais, decorrentes de intervenções políticas que são, em parte, resultantes da implantação de modos de produção mercantil, causando nas comunidades tradicionais o que podemos chamar de impactos sociais e culturais.

Todo esse processo de mudanças e alterações, por fim, materializa-se em forma de um discurso deflagrador: discurso presente nas vozes das pessoas ouvidas; discurso de revolta contra a situação da lagoa, “a mãe do pescador”; discurso de socorro, de quem luta como pode para sobreviver, sendo obrigado a abrir mão de seus valores, de seus modos de vida, em detrimento de um estado ilusório de “inclusão social”; discurso que tenta explicar, de um modo todo fragmentado e truncado, peculiar aos pescadores, as diferenças que marcam a lagoa de outrora (a lagoa da santa) e a lagoa de hoje (a lagoa do prefeito).

**As culturas populares e a lógica mercantilista**, segundo ensaio de análise, é uma abordagem sobre os contornos da cultura popular local e suas relações com o turismo e a indústria da carnicultura. Perfaço esse caminho identificando nos textos orais dos pescadores os discursos que revelam as comunidades populares subjacentes aos mecanismos sociais que, invariavelmente, contribuem para um contínuo processo de fragmentação cultural dos núcleos sociais.

O texto em questão traduz algumas das minhas observações sobre as culturas populares levando-se em consideração, como bem observou Antonio Gramsci (1978, p. 190), suas especificidades, valores e funções na dinâmica da vida social de uma comunidade.

Analisando “a vocação turística” do município como estratégia mercantilista imposta como forma de incrementar a atividade turística e gerar, assim, renda para o

município, foi possível constatar, com base em textos, documentos locais e dados obtidos com a comunidade, como os significados de folclore e cultura popular podem ser utilizados no sentido de atribuir socialmente uma falsa idéia de unidade a uma sociedade marcada, tradicionalmente, pela evidente multiplicidade. Fruto da mesma estratégia mercantilista está a transformação de elementos pertencentes às culturas locais – patrimônio histórico, rendas, artesanato, camarão, cerâmica, lendas – em meros produtos de consumo.

O ensaio aborda, em suma, como e com que objetivos as culturas populares são postas a serviço da educação formal, da máquina política e administrativa, do novo regime econômico, ou enfim, das classes sociais que partilham uma hegemonia política, econômica e cultural, e como esses sistemas externos, em seus processos de apropriação, não apenas selecionam os elementos a serem transformados em produtos de consumo, como também produzem seus próprios recursos de controle. Nesse campo de investigação, são as lúcidas considerações de Néstor García Canclini (1983), em suas análises sobre as culturas populares e as relações com o capitalismo, que permeiam minhas observações. Ver os aspectos culturais sob a ótica das relações de produção atuantes no seio das comunidades abre os horizontes do pesquisador das culturas populares no sentido de dar orientação a um mergulho mais profundo na análise destes elementos, permitindo entender as “contradições” não como meros “fragmentos indigestos” de culturas múltiplas que se sobrepõem, mas como resultados, reflexos, causas ou conseqüências de todo um processo de apropriação de bens e transformação desses bens em produtos, com distintos usos, funções e significados, diversamente atribuídos por cada um dos diferentes extratos sociais que deles se utilizam.

Em **O destino das brincadeiras** tomo como referência as relações entre memória, identidade e patrimônio e, neste ponto, pretendo refletir sobre a trajetória das manifestações culturais populares a partir das brincadeiras presentes nas comunidades, tanto as que persistem quanto as que só sobreviveram nas memórias dos seus mestres e brincantes.

O ensaio resulta das entrevistas com os participantes das brincadeiras existentes nas comunidades de Nísia Floresta: o Boi-de-Reis e o Babelô, além dos Dramas e do Pastoril. Quem narra estas histórias são seus mestres e brincantes. Suas vozes revelam o contraste entre passado e presente, reflexos da tensão entre dois tempos não apenas históricos, mas, sobretudo, culturais. Privilegio, dentre as manifestações recorrentes, o Boi-de-Reis, sobretudo pela persistente busca por esta brincadeira durante a minha trajetória de pesquisa de campo a partir do momento em que soube de sua existência nas comunidades

visitadas. Sem deixar de fazer referência às demais, meu percurso em busca do Boi resultou em uma experiência inusitada de contato com os pescadores, desencadeando nas conversas diferentes recorrências memoriais na construção de suas falas.

A busca pelo Boi me levou, enfim, a narrativas que remontam seu percurso histórico, do Boi enquanto brincadeira feita pelos retirantes que vinham do sertão em época de seca, com o propósito de arrecadar dinheiro e alimento – Boi motivado pela carência econômica e necessidade básica de sobrevivência – ao Boi-apresentação, contratado para animar as festas dos políticos em épocas de campanha. Ou ainda, ao Boi-patrocinado pelas entidades assistencialistas, destituído do contexto cultural que atrelava suas apresentações apenas às datas de festejos religiosos.

De um elemento simbólico de troca: a descontração, o riso, a alegria em troca de dinheiro, de peixe, de batata, de farinha; a elemento simbólico de venda: apresentação, apoio e patrocínio, o boi é um pouco a metáfora das culturas populares. Diante desse quadro, perguntar para onde vai o Boi é indagar-se não apenas sobre o destino das brincadeiras, mas, em um contexto maior, qual será o destino social das populações tradicionais, e com elas, das suas culturas, seus modos de vida, do legado simbólico e material representativo destas camadas sociais.

Por fim, **As redes das narrativas** é um ensaio dedicado às reflexões sobre os textos orais a partir de seus componentes literários estrategicamente articulados dentro dos discursos dos pescadores. Procurei, nele, ensaiar uma análise qualitativa das histórias, lendas, causos e acontecimentos narrados, procurando articulá-las a um contexto cultural que lhes mune de múltiplos significados.

Lembrando que as narrativas dos pescadores, tomadas como *corpus* para tese, constituíram um conjunto de depoimentos, de relatos sobre presente e passado, de trajetórias de vida e trabalho, e ainda de denúncia de um presente de descaso e degradação ambiental, foi, no entanto, possível encontrar no interior desse conjunto fragmentos de todo um arcabouço literário popular, tais como histórias de aparições, encantamento e assombração, lendas locais, causos, além de reminiscências saudosas de manifestações culturais transformadas, fragmentadas ou mesmo sufocadas diante de mudanças de ordem cultural, social e econômica. Esses aparentes “fragmentos” que só parecem surgir em momentos “propiciamente mágicos” foram os que, então, tomei como objetos de análise. Dentre todos os trabalhos a partir do enfoque da antropologia cultural que serviram de suporte teórico e metodológico para a realização da pesquisa

em campo, foi a leitura de Oswaldo Elias Xidieh (1967), provavelmente, a mais elucidativa em relação ao contexto com o qual eu iria me deparar.

Parafrazeando Xidieh, lembro que as histórias da lagoa não surgiram aleatoriamente. Neste caso, elas não apenas existem no interior de um contexto mais amplo, mas só emergiram deste contexto, só vieram à tona, significativamente, em meio a um exaustivo discurso de denúncia sobre o presente, sobre as condições reais de vida e morte da lagoa e da difícil sobrevivência das comunidades ao seu redor. É exatamente esta imagem de realidade que busca no passado o contraponto e o contraste que a delineiam como realidade. Isso porque é dentro deste espaço imaginário do passado que ficam escondidas “aquelas” histórias. Em suma, a memória que se reconstitui fragmentariamente e com dificuldade é aquela que muitas vezes foi reprimida, até mesmo “apagada” em detrimento de necessidades mais urgentes, como a sobrevivência. Mas se as lembranças emergem do limbo imaginário, mais do que pela pertinência do ouvinte estranho, é porque, neste contexto, falar sobre o passado significa, também, falar sobre o presente, dado que as narrativas se constroem a partir de comparações e oposições entre lembranças, acontecimentos e realidades distintas, e obviamente das relações entre o presente e o passado.

Evidentemente que, sem recorrer a análises comparativas, as minhas leituras acerca das narrativas me conduziram a eleger e abordar aspectos: a) a partir dos seus respectivos universos temáticos, b) do papel da comunidade narrativa e c) das possíveis articulações com o universo real e imaginário de seus narradores; com a perspectiva de ensaiar uma abordagem que pudesse devidamente contemplar elementos significativos das narrativas populares em articulação com o universo que as particulariza enquanto tais e que, ao mesmo tempo, as mune de um sentido próprio, conectado com todo o contexto social e cultural que lhes serve de base.

O texto também ressalta, em seu percurso, que o grande diferencial das narrativas registradas durante a pesquisa está tanto no conteúdo quanto nas formas de narrar; está na disposição e conciliação de elementos contraditórios; na mistura do real com o imaginário; em um certo comprometimento com a verossimilhança, com os fatos, evidente na citação de nomes de pessoas, paisagens, locais, mas também igual comprometimento com o imaginário popular que contraditoriamente une, pelo viés do testemunho e da crença, realidade, aspectos da vida e do imaginário em um mesmo contexto social, em um mesmo contexto narrativo. Essas são, enfim, algumas das muitas histórias dos pescadores de Papary.

## Considerações finais

Assim constituído, o trabalho aqui referenciado apresenta claramente uma visão distinta da tradição de estudos folclóricos, já que seus objetivos transcendem os limites da simples coleta, indo além e buscando fios para tecer o complexo universo narrativo das comunidades populares, colocando em questão aspectos relevantes freqüentemente relacionados aos estudos culturais em uma perspectiva sociológica, como identidade, globalização, conflitos culturais, entre outros conceitos.

Mais do que antever problemas, trabalhos nesta linha podem suscitar propostas, visualizar caminhos, buscar alternativas, ressaltando a importância de uma análise crítica sobre o desenvolvimento destas estruturas econômicas e suas influências sobre as comunidades tradicionais. Acredito que, no papel de pesquisadores, cumpre-nos, sempre que possível, visualizar, através dos caminhos da pesquisa, soluções alternativas para os problemas enfrentados pelas comunidades face à desestruturação de seus modos de vida. Isso, particularmente, acontece porque a prática de estudos sobre as culturas que, sobretudo, visam transcender coletas ou mapeamento, termina por promover, em si, um contato mais profundo entre “estranhos” e “distintos” (pesquisador e comunidade), unindo contraditoriamente o que a academia faz questão de separar: distância entre teoria e prática na aquisição do conhecimento, pois não raro contribui para a interação das populações com o conhecimento buscado pelo pesquisador, já sendo, somente por isso, um princípio motivador social.

Para finalizar a minha tentativa de confronto entre textos e contextos, gostaria de frisar a natureza plurissignificativa das histórias dentro das comunidades tradicionais. O “contar” encerra mais que um ato cognitivo. Ele reúne, em um mesmo evento, a comunicação, a transmissão e o ensinamento, além do aprendizado, da rememoração e da perpetuação. Mas a modalidade da transmissão oral na qual se situa o contar faz tudo isto de modo seletivo e particular às culturas que o alicerçam. Ao contar, o contador articula informações, acontecimentos, fatos em torno de um universo movido pelo imaginário peculiar da sua gente, pela sua tradição, pelo seu modo aprendido de entender e ensinar o mundo à sua volta. Ao contar as histórias que são “suas” histórias e histórias da “sua” gente, esse homem traz à tona as lembranças locais, selecionando-as, organizando-as em torno de um argumento que pode mudar quando a sua memória ativa

muda de rumos, trazendo à tona outras lembranças e, assim, outras histórias. Contar dá novo significado ao passado e ao presente porque opera uma releitura do presente à luz da experiência, e ao mesmo tempo, opera uma reinterpretação do passado quando o coloca em contraste com o presente.

## REFERÊNCIAS

AYALA, Maria Ignez Novais. O conto popular: um fazer dentro da vida. In: **Anais do VI encontro nacional da ANPOLL**. Recife: ANPOLL, 1989, pp. 260-267.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação da matéria. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002. [1 ed. 1989]

BAKHTIN, Mikhail [Volochinov]. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza; O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras Escolhidas**. V. 1. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 114-119; 297-221.

CIRESE, Alberto M. *Dislivelli di cultura ed altri discorsi inattuali*. Postfazione di Pietro Clemente e Eugenio Testa. Collana Gli Argonauti, n. 26. Roma: Meltemi, 1997.

DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo S. V. Conceitos e definições. In: **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Min. Meio-Ambiente/São Paulo: USP, 2001, p. 25.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Pescadores e pesca em Jurujuba. In: **As redes do Suor**: a reprodução social dos trabalhadores da pesca em Jurujuba. Niterói: EDUFF, 1999, p. 31-84.

FONSECA, Ana Claudia Mafra da. **Histórias de pescador**: as culturas populares nas redes das narrativas. Tese de doutorado. João Pessoa: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Curso de Pós-graduação em Letras – UFPB, 2005.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **As culturas populares no capitalismo**. Trad. Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GRAMSCI, Antonio. Observações sobre o folclore. In: **Literatura e vida nacional**. Trad. e sel. Carlos Nelson Coutinho. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LOMBARDI SATTRIANI, Luigi M. **Antropologia cultural e análise da cultura subalterna**. Trad. Josildeth Gomes Consorte. São Paulo: Hucitec, 1986.

MALDONADO, Simone. **Pescadores do mar**. São Paulo: Ática, 1986.

XIDIEH. Oswaldo Elias. **Narrativas piás populares**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1967.